

REDES DE MÍDIA CÍVICA NA AMAZÔNIA E A CONTRA-HEGEMONIA DIGITAL CIVIC MEDIA NETWORKS IN THE AMAZON AND THE DIGITAL COUNTER-HEGEMONY ACILON CAVALCANTE, ANA CLÁUDIA CARDOSO

Acilon Himercírio Baptista Cavalcante é Arquiteto, Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Mestre em Artes e doutorando em Mídias Digitais na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal. É Professor Assistente do Instituto de Ciências de Arte da Universidade Federal do Pará (UFPA). Realiza pesquisas sobre mídias interativas para planejamento urbano e gestão de assentamentos precários e informais. acilon@baptistas.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1855157010063033>

Ana Cláudia Duarte Cardoso é Arquiteta, Mestre em Planejamento Urbano e Doutora em Arquitetura. É Professora Titular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. Participou da formação de movimentos sociais, da administração pública e pesquisa multidisciplinar e coordena pesquisas sobre tipologias espaciais, padrões de urbanização e sociobiodiversidade da Amazônia. aclaudiacardoso@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3138101153535395>

Resumo

Este artigo parte da contribuição das práticas midiáticas para a construção de uma visão estereotipada de bairros populares nas cidades brasileiras e busca apresentar, como contraponto, o potencial de reação de movimentos de base digital constituídos por jovens que desejam romper o enquadramento midiático imposto às suas comunidades. Adota-se como estudo de caso o projeto desenvolvido no bairro da Terra Firme em Belém (PA), no âmbito da universidade pública em parceria com a comunidade — representada por jovens universitários que ingressaram na instituição a partir da política de cotas. O projeto identificou, caracterizou e apoiou redes de mídia cívicas emergentes em tais comunidades, sobretudo na década de 2010, por meio de metodologias participativas para cocriação de conhecimento. Foram produzidas cartografias colaborativas, uma web série sobre a história do bairro narrada pelos moradores, mapas atualizados on-line e capacitações técnicas que propiciaram ações e geraram novas pautas nas mídias sociais. Essas produções forçaram um novo enquadramento midiático do bairro pelo *Mainstream*, quebrando o monopólio da narrativa pelos veículos convencionais e promovendo a inovação social nas políticas públicas. As ações apresentadas são uma mostra de reações contra a hegemonia de modelos de desenvolvimento social e urbano que resultam na marginalização e, ainda, na ocultação de setores inteiros da sociedade.

Palavras-chave: Amazônia, Redes de Mídia Cívica, Práticas Midiáticas

1 Introdução

A globalização alavancou mudanças que tornaram as cidades o principal palco de transformações sociais, políticas, culturais e econômicas. Nestas cidades, a indústria cultural, através de práticas midiáticas, atuou na difusão e disseminação de um paradigma de desenvolvimento urbano e econômico que foi colocado de forma hegemônica, provocando impactos nas parcelas de populações estereotipadas e/ou invisibilizadas (CANCLINI, 2008). Tais práticas foram operadas por meio do conteúdo impresso, radiodifusão e televisão, com programas que enquadram até hoje as periferias das grandes cidades como cenários de violência e precariedade, além de retratar sua população de forma estereotipada, rotulando-a como minoria social. Assim, por mais que exista registro da pluralidade social nas cidades desde a urbanização desencadeada nos anos 1960, a cidade é representada pela mídia como “um espaço muito mais homogêneo do que realmente é” (CANCLINI, 2001, p. 45). Vale ressaltar ainda que tais práticas são um fenômeno global, pois ocorrem não apenas na América Latina, mas também na América do Norte, com minorias latinas e afrodescendentes, na Europa com ciganos e imigrantes e em diversas partes do mundo, de acordo com as características locais.

A mídia é uma importante ferramenta para a difusão das concepções de desenvolvimento urbano, econômico e social, hoje hegemônicas nas paisagens urbanas do planeta, ainda que com diferenças regionais. Desta forma, assentamentos informais que ocuparam grande parte da paisagem das cidades do Sul global tornam-se uma antítese da ideia hegemônica de cidade e, por décadas, a forma de lidar com a população que habita nesses espaços rotulou-a como criminosa ou posicionada à margem da sociedade (CAVALCANTE, 2020). Ainda assim, a população residente nas periferias mostrou, ao longo das décadas, ações de contraposição ao modelo imposto, as quais resultaram em revoltas urbanas, em lutas pelo direito à moradia e em diversas outras formas de se requerer visibilidade e direitos civis. No entanto, a partir da massificação das redes de tecnologia comunicacional no fim da década de 2000, tais grupos avançaram em pautas de autonomia e participação no que se refere ao espaço de vida deles, com as chamadas Redes de Mídia Cívica.

Mídias Cívicas são tecnologias que permitem uma cultura de participação na vida pública com a emergência de um pós-cidadão (ZUCKERMAN, 2014, p. 156), caracterizado por um profundo sentimento de revolta contra os sistemas político e financeiro (CASTELLS, 2017), e “um interesse - talvez uma necessidade - de os participantes verem seu impacto nas questões que estão tentando influenciar” (ZUCKERMAN, 2014, p. 156). Ademais, as ações em rede, além do caráter político, desempenham atividades de caráter cultural através da produção de conteúdo potencializado pelas mídias sociais (DARCHEN, 2017, p. 3617; KAHNE, 2014, p. 7). Os primeiros exemplos que ganharam força através das mídias digitais foram A Primavera Árabe e a Revolução das Paredes em 2008 (CASTELLS, 2017) e, desde então, esta estratégia de organização emergente de ações cívicas espalhou-se pelo mundo. No Brasil, tais redes evoluíram nas periferias urbanas por diversas razões, das quais se destacam duas. Primeiramente, após o fim do Monopólio Estatal da Telefonia no Brasil

em 1998 e popularização dos aparelhos móveis, pacotes de dados acessíveis às camadas de menor renda da sociedade promoveram a inserção de seus moradores nas redes digitais (CAVALCANTE, 2020). O segundo destaque está relacionado com mudanças no regime de ingresso nas universidades no Brasil, sobretudo pela Lei de Ingresso por Cotas (Lei Federal 12711/2012), que passou a garantir 50% das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, indígenas, negros e com deficiência, aproximando as universidades públicas da realidade das periferias.

Muito embora exista literatura sobre Mídias Cívicas, estudos que dizem respeito às periferias brasileiras ainda são raros, o que levou a uma série de suposições sobre como funcionam, como surgem, e principalmente, o impacto que essas mídias produzem, tanto na comunidade quanto na sociedade como um todo. Por exemplo: a hipótese da pesquisa esperava que a topologia dessas redes fosse horizontal e distribuída numa espécie de utopia democrática ou uma sociedade alternativa, algo que não se confirmou na pesquisa, uma vez que, apesar da descentralização topológica evidenciada por elas, estruturalmente as redes de mídias cívicas apresentam certos nós com maior concentração de conexões do que outros (CAVALCANTE, 2020).

A principal motivação para a pesquisa foi encontrar formas de inovar socialmente e trazer autonomia para comunidades periféricas em questões de gestão urbana a partir das características dos grupos que empregam as mídias cívicas. Assim, iniciou-se o projeto com o objetivo de caracterizar e desenvolver ações de fortalecimento das redes de mídias cívicas ativas e de identificar o modo de funcionamento e o potencial de impacto destas redes nas relações do bairro com a sociedade, mídia e governo. Um projeto de extensão e pesquisa chamado Data Firme foi executado, entre 2018 e 2020, com grupos que na época começavam a aparecer tanto on-line quanto em ações de ativismo presencial nas ruas da cidade, contra a violência urbana sofrida pelos moradores da periferia. Utilizou-se design participativo e foi mobilizada como equipe fixa doze discentes membros da comunidade, os quais entraram na Universidade através do regime de cotas, e outros membros não-discentes, além de moradores convidados para ações pontuais.

O projeto empregou a metodologia qualitativa do grupo focal para desenvolvimento de tarefas coletivas (KITZINGER, 1994). Tais atividades levantaram situações vividas na comunidade que foram orientadas para o desenvolvimento de produtos que auxiliassem a comunidade a modificar seu espaço de vida, como é próprio das redes de mídias cívicas. A principal ferramenta usada nas reuniões foi o *Design Thinking*, compreendido como um "processo exploratório que, uma vez feito da forma certa, irá invariavelmente levar a descobertas ao longo do caminho" (BROWN, 2009, p. 15). O trabalho de interação com as pessoas acontece em três estágios: "A inspiração, onde insights provêm de uma possível fonte; a ideação, onde esses insights são transformados em ideias; e a implementação, onde as melhores ideias são transformadas em projetos e planos de ação." (BROWN, 2009, p. 63).

Esta experiência foi consolidada em uma dissertação de mestrado que também é base deste artigo. O primeiro objetivo deste texto é apresentar as Redes de Mídia Cívica no bairro da Terra Firme e o projeto desenvolvido em parceria com a Universidade. É também objetivo do texto, explorar a relação entre a formação dos estudantes cotistas e o fortalecimento das redes de mídia cívica nas suas comunidades. Neste percurso, buscam-se caminhos que contestem a visão hegemônica e preconceituosa dos bairros populares nas cidades brasileiras.

2 Terra Firme: da ocupação às redes de mídia cívica

A urbanização do bairro ocorreu de forma espontânea e sem planejamento em uma área alagável da periferia de Belém, como é explicitado na figura 01. Os improvisos das ocupações de áreas alagáveis, que foram super-adensadas por serem informais e, por serem populosas, receberam algumas melhorias, mas que mantiveram o caráter de precariedade, são enquadrados pelo IBGE (2020) como assentamentos subnormais. Até o fim dos anos 1960 a Terra Firme possuía quatro mil duzentos e cinquenta habitantes (PENTEADO 1967) e chegou a contabilizar cinquenta e nove mil duzentos e trinta e um moradores em 1991 (RODRIGUES, 1996). Para efeito de comparação, no mesmo período, a cidade de Belém saltou de seiscentos e trinta e três mil habitantes em 1970 para cerca de um milhão e duzentos em 1991. Neste período, enquanto a cidade cresceu 96%, o bairro teve impressionantes 1293% de crescimento na população. Infelizmente, os dados do censo de 2010 não indicam um número atualizado, mas o site da prefeitura municipal de Belém estima uma população atual de sessenta mil habitantes para o bairro. Dos mais de quatrocentos hectares de área do bairro, 83,75% são alagáveis (PEGADO; BLANCO; ROEHIG; CAROCA; COSTA, 2014) por estarem na várzea do Rio Tucunduba. Na década de 1980, época de maior crescimento, as construções eram sobretudo em palafitas de madeira sem solução de esgotamento sanitário

e água encanada. A população aterrou a área alagada e consolidou a ocupação com os resíduos sólidos que vinham da cidade formal (SILVA¹, 2019).

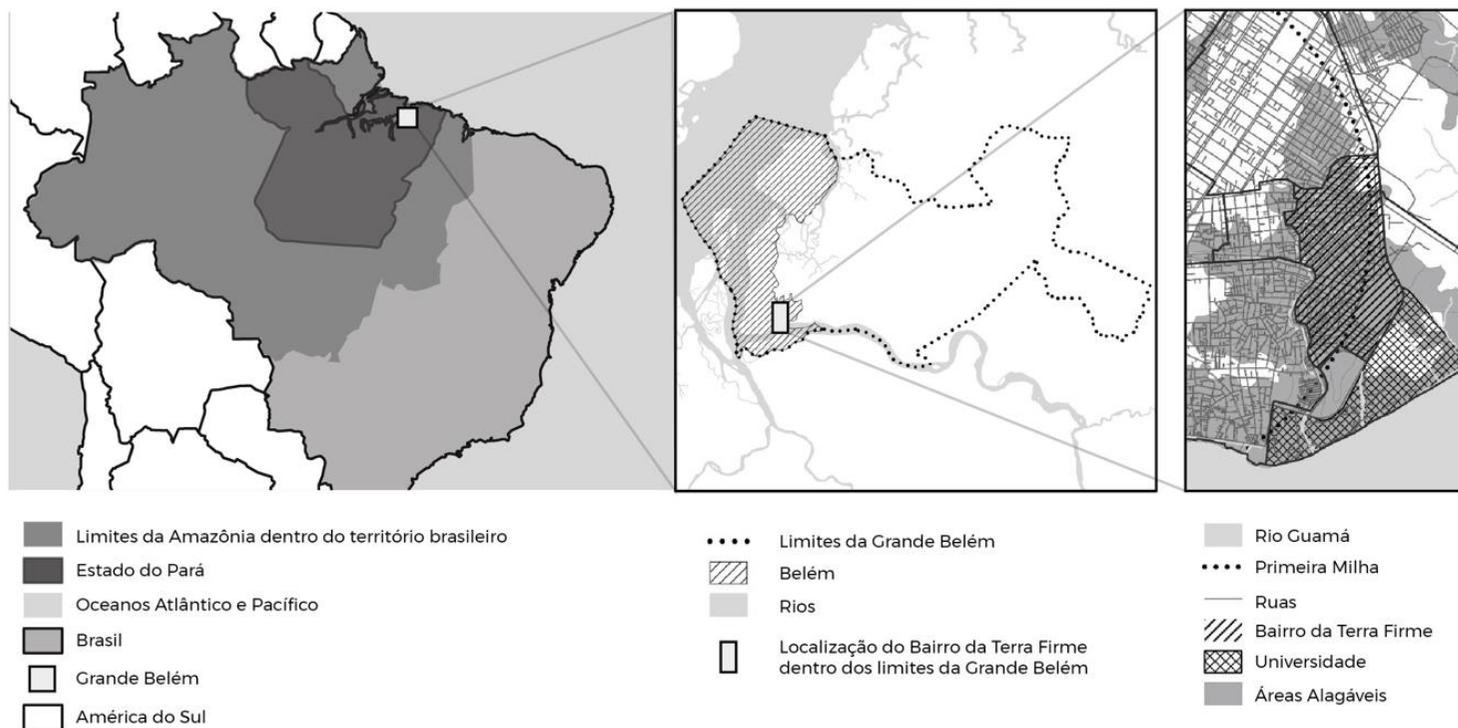


Fig.1: Localização do Bairro da Terra Firme. Nesta imagem, vê-se: (1) Posição da Grande Belém dentro do Brasil (2) Limites da Terra Firme dentro da Grande Belém (3) Proximidade da Terra Firme com o Centro de Belém, e presença das áreas alagáveis. Fonte: Autores, 2022.

Este tipo de assentamento tornou-se característico das áreas de baixadas de Belém, que estenderam bairros existentes e criaram bairros populares que conforme apresentado na Figura 02, ficam entrelaçados aos bairros formais. Esta é a chamada periferia próxima, inserida no centro metropolitano (LIMA; SANTOS; SENA; ARAÚJO, 2015, p. 161). Isto explica tanto a proximidade entre bairros formais e de baixa renda quanto o padrão de ocupação da porção Sul de Belém. A partir da década de 1970, durante a ocupação da região Norte, migrantes chegaram nas cidades sem que elas estivessem preparadas para recebê-los. Os programas habitacionais implantados foram direcionados para trabalhadores formais em áreas muito afastadas enquanto a população migrante se manteve nas baixadas, dada a facilidade de acesso aos serviços públicos e às oportunidades de geração de renda na cidade formal (nas feiras, no comércio, na prestação de serviços), fatores que influenciam no aumento da renda das famílias instaladas na área (LIMA, 2000, p. 193 apud CARDOSO, 2007, p. 83).

¹ Francisco Batista Silva é morador do bairro e um dos principais expoentes dos movimentos de mídia cívica presentes na comunidade.

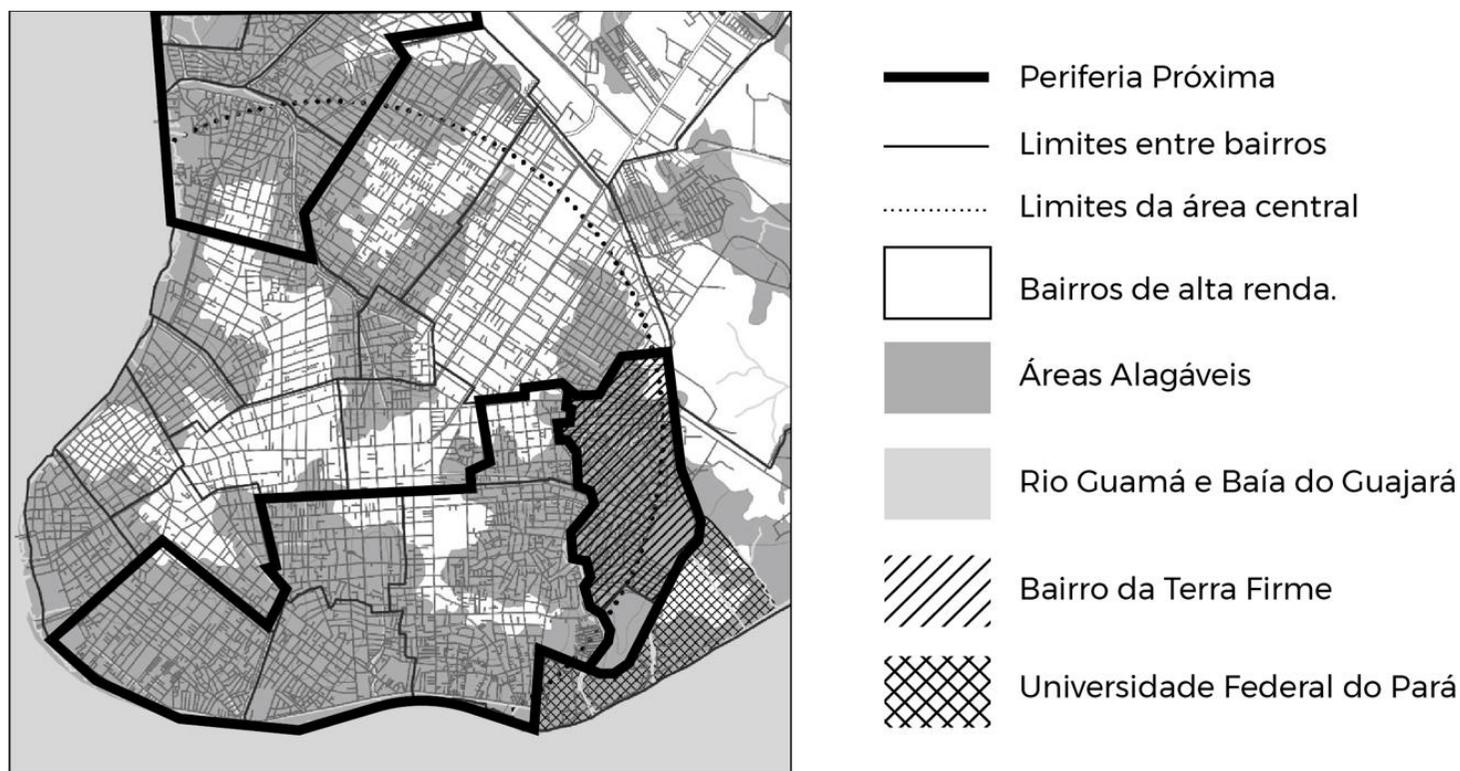


Fig. 2: Situação dos Bairros da Periferia Próxima no Centro Metropolitano. Destaque para o Bairro da Terra Firme, e a Universidade, onde o projeto ocorreu. Fonte. Autores, 2022.

Desta forma, a ocupação destas terras foi marcada tanto pela precariedade das condições ali existentes quanto por conflitos com os seus grandes proprietários (no caso particular da Terra Firme, as terras eram da União). Esse movimento ocorreu contra as condições naturais da várzea e contra a opinião pública, que chamava tais assentamentos de “invasões” (CARDOSO, 2007). Tal contexto foi acompanhado de uma espetacularização midiática que enquadrou esse tipo de ocupação sob uma perspectiva estritamente legalista, caracterizando-a enquanto uma ação marginal à lei. Canclini (2008) categoriza tais práticas midiáticas como parte de uma estratégia de desinformação, afirmando que “existem políticas para distorção e ocultação de informações como estratégia do governo e da mídia para concentrar e excluir grandes setores da sociedade, tornando-os invisíveis” (CANCLINI, 2008, p. 17). De fato, tal ideia expõe que o papel da mídia é homogeneizar a imagem da cidade, ocultando tudo aquilo que foge ao parâmetro ideal (modernista) do que é uma rua, casa, ou uma vizinhança.

Apesar de, com o passar do tempo, tais assentamentos terem sido consolidados como bairros populares “melhorados, recebendo infraestrutura social (serviços de educação e assistência de saúde) e física (abastecimento d’água, saneamento e drenagem) (CARDOSO, 2007, p. 56), tal processo de consolidação foi incompleto do ponto de vista físico. Além disso, os moradores de bairros periféricos, como a Terra Firme, ainda convivem com a violência: é nas periferias onde ocorrem as maiores taxas de homicídios e também onde atuam milícias e cartéis do tráfico. Diante de tal contexto, nos anos 1990, surge no país um tipo de entretenimento midiático que explora a violência urbana das periferias, chamado de jornalismo comunitário, mas que trabalha sobretudo com notícias policiais. Até a década de 2010, Belém contava com cinco programas televisivos, três programas de rádio e mais dois cadernos impressos dedicados a este tipo de conteúdo (CAVALCANTE, 2020, p. 75).

O ponto de virada ocorreu em 2014, após a chamada Chacina de Belém que matou 11 jovens de periferias em uma ação miliciana, em resposta à morte de um policial miliciano. As chamadas “Respostas” ocorrem desde 1996 em Belém, como ações de controle da população periférica através do medo (CAVALCANTE, 2020). As práticas midiáticas cumpriram a função de invisibilizar esta população diante da opinião pública, pois, para o restante da cidade, as vítimas de tais massacres pareciam não importar. Afinal, existia a ideia de que moradores de periferias teriam alguma relação com o crime organizado e, portanto, “tiveram o que mereciam” segundo a mídia. Entretanto, após o massacre de 2014, houve mudanças nos elementos das práticas midiáticas e iniciou-se um processo de transformação na imagem da periferia. As práticas midiáticas são compostas por significado, competência e materialidade (LUNEMBORG; RAETZCH, 2018, p. 22). Estes elementos são

interconectados e trabalham na leitura das pessoas entre si, porém, uma vez que as conexões entre eles são quebradas, as práticas em questão também desaparecem, dando lugar a novas práticas que ressurgem a partir do que existia.

No caso em questão, existem duas mudanças que promoveram transformações: a primeira foi a presença de uma juventude nascida no bairro – universitária e muito mais consciente do seu papel na sociedade – que recusava o arquétipo de marginalizados que lhes era imposto; a segunda foi o fim do monopólio da narrativa. A expansão das redes de telecomunicações nas periferias ocorreu com o acesso a pacotes de dados desenhados para o consumo da população de baixa renda. Dentre as regiões metropolitanas do Brasil, a grande Belém destaca-se, com 96,4% de conectividade, que se dá principalmente por uso de smartphones. Assim, o medo deu lugar à indignação, seguida pela ação. Através das redes de mídias digitais, a juventude organizou protestos e começou a produção de conteúdo audiovisual que pudesse, de alguma forma, ser capaz de sensibilizar a opinião pública. Este é o tipo de ação que caracteriza os grupos formados durante o Data Firme enquanto redes de mídias cívicas (ZUCKERMAN, 2014; CASTELLS, 2017).

3 As redes de mídias cívicas da Terra Firme

Após a Chacina de Belém, os jovens usaram grupos de e-mail para organizar protestos e debates. Foi através desta articulação que a grande maioria se conheceu e formou o primeiro grupo de mídia cívica, o Tela Firme (LOUZEIRO², 2021). O Tela Firme alcançou alguns de seus objetivos, pois foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a ação de policiais milicianos e constatou-se o alcance de Acadêmicos e Produtores Artísticos graças à certa visibilidade que o projeto conseguiu. Todavia, faltou alcance na opinião pública e no *Mainstream*. O enquadramento produzido pelos principais veículos de informação permaneceu o mesmo, mas o Tela Firme manteve a produção de conteúdo e ativismo via mídias sociais. A partir de 2017, inicia-se a aproximação entre Universidade e o Grupo Tela Firme, impulsionado pela presença de alguns dos seus membros em cursos de graduação, tais como artes, pedagogia e produção multimídia, o que culminou na proposta do Data Firme.

4 Data Firme

O projeto foi desenvolvido entre março de 2018 e maio de 2020 como uma ação de extensão da Incubadora de Linguagens Digitais da Faculdade de Artes Visuais e como um projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, ambos da Universidade Federal do Pará. Foram realizados diversos encontros com o coletivo composto por discentes e não discentes da universidade, organizando-os em grupos de trabalho com ações programadas, objetivos e metas segundo três temas: promoção da cidadania, aumento de renda e construção de capital social. O quadro 1 mostra o impacto desejado para cada um destes temas, posteriormente abordados como dimensões. As dimensões foram definidas a partir dos relatos dos participantes e das suas expectativas acerca de como gostariam de impactar a comunidade, resultados de diálogos que ocorreram durante as oficinas de *Design Thinking*.

² Ingrid Louzeiro é pedagoga e membro do Tela Firme. Na época da Chacina de Belém ela era adolescente foi impactada pessoalmente pelas ações de milícias no bairro.

Dimensões	Impacto Desejado.
Promoção da Cidadania	Aumento da visibilidade de pessoas de baixa renda e grupos de excluídos. Acesso físico ao mercado para venda da produção de baixa renda.
Aumento da Renda	Melhores canais de mercado para pequenos negócios.
Construção de Capital Social.	Aumento do sentimento de pertença. Aumento na autoestima relacionada à presença no bairro. Construção de uma rede social de confiança, reciprocidade e cooperação com desenvolvimento.

Quadro 1: Categorias e Impacto desejado pelos grupos de mídias cívicas que atuaram no início do Data Firme. Estas categorias estão agrupadas de acordo com o Guia Prático para Geração de Impacto da Artemísia (Silva, 2017). Fonte: Autores, 2018.

O encaminhamento das discussões desdobrou-se na ideação e no plano de ação para o desenvolvimento dos produtos que foram entregues pelo projeto: uma *websérie* com sete episódios contando a história e cultura da Terra Firme e a II Cartografia Social da Terra Firme. No âmbito da Universidade, foram então selecionados os doze estudantes de graduação e pós-graduação, todos moradores do bairro e envolvidos com os grupos de mídias cívicas. Além dos discentes, o projeto contou com mais cinco profissionais de audiovisual, dois geógrafos e com a colaboração de moradores do bairro. É preciso ressaltar, ainda, a participação de professores do Curso de Tecnologia em Produção Multimídia, de docentes do PPGAU na orientação do coordenador no projeto e de outro grupo semelhante baseado na Terra Firme, o Ame o Tucunduba. Este último, era constituído por oito alunas da Universidade que atuavam em ações de conscientização sobre a bacia do Tucunduba.

A execução do projeto foi dividida em quatro etapas: planejamento, pesquisa, produção e pós-produção. Foram estabelecidas metas quantificáveis em cada etapa que foram avaliadas ao final. Durante o planejamento, foram realizadas atividades de capacitação da equipe selecionada, com oficinas de roteiro, planejamento, gestão de projeto Ágil e encontros com discentes da universidade. Na fase de Pesquisa, foram feitas pesquisas documentais, entrevistas filmadas com expoentes das primeiras ondas de ocupação no bairro totalizando mais de vinte horas de entrevistas registradas; também foram realizados o *Hackathon* do Data Firme, pela Ame o Tucunduba com apoio do Tela Firme e a II Cartografia Social da Terra Firme, comandada pelo Tela Firme, sob a supervisão do geógrafo e liderança local Francisco Batista. A proposta da Cartografia Social surgiu por iniciativa dos próprios moradores, uma vez que, há dez anos, uma primeira cartografia social foi elaborada com auxílio da universidade. Trata-se de um processo de construção coletiva “que aproxima em mesmo grau de importância pesquisadores e agentes sociais mapeados” (SANTOS, 2017, p. 2) e que, por isso, permitiu a incorporação do conhecimento dos moradores sobre os espaços e características mapeadas.

Como resultado, o trabalho de campo da cartografia mobilizou moradores do bairro que colheram informações segundo seis categorias: Religião, Entidades Comunitárias e Cooperativas, Educação, Comércio, Serviços e Lazer, além de revisarem os bancos de dados referentes à estrutura viária – conforme apresentado na Figura 03, uma comparação entre Google Maps e Open Street Maps.

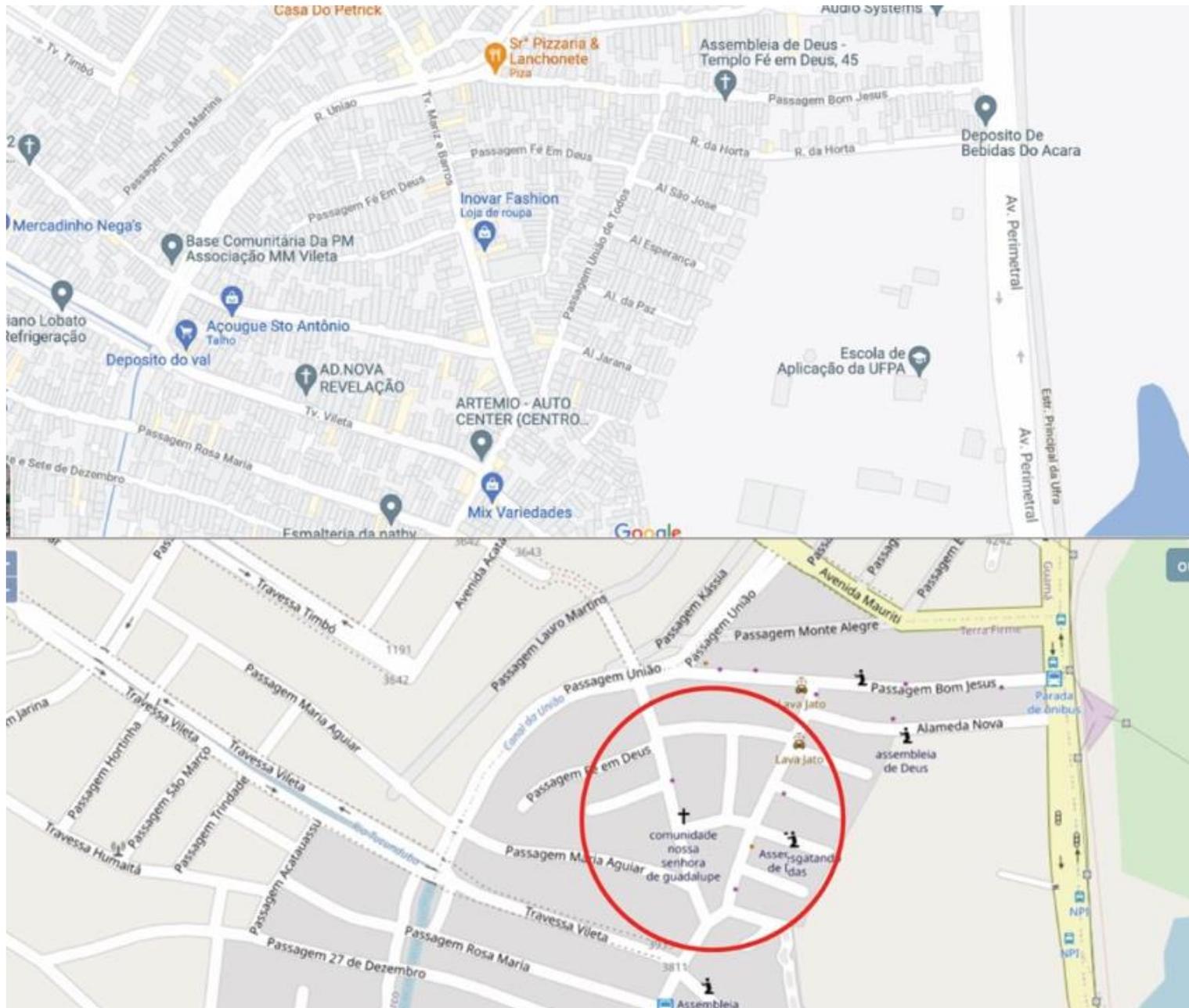


Fig. 3: Comparação entre Google Maps e Open Street Maps. Nesta imagem, compara-se a diferenciação entre a malha viária do bairro segundo o Google Maps e segundo o Open Street Maps. Nota-se que a lógica de ruas como estruturas seguidas de passeios laterais para pedestres e trânsito de veículos não é respeitada no bairro, onde muitas vezes as ruas são estivas sobre rios. O projeto incluiu as vias "invisíveis". Fonte: Google Maps e Open Street Maps, 2022.

Os dados da Cartografia foram compilados em planilhas, serviram de material para os vídeos da *websérie* e foram disponibilizados através de redes digitais por meio de *pendrives* e de impressos³. Neste ponto, destaca-se o uso do Open Street Maps (OSM). Esta é basicamente uma Wikipédia de Mapas (MEIER, 2015, p. 14), uma vez que existe uma comunidade internacional de colaboradores que o alimentam. O OSM foi escolhido por possuir vantagens em relação a outras ferramentas cartográficas para este tipo de levantamento (como o ArcGis), pois, por ser on-line, permite que as contribuições sejam colaborativas e compartilhadas, além de contar com armazenamento na nuvem e possibilitar o desenvolvimento de aplicações para celulares. Ao final do projeto, trezentas caixas com os produtos foram compartilhadas em escolas e com atores sociais que replicaram aqueles dados na comunidade. O engajamento durante o processo foi tão intenso que atraiu a atenção dos principais veículos de comunicação da cidade e contribuiu para o alcance dos impactos que eram desejados na comunidade.

³ Disponíveis em <http://www.cartografiasocial.com.br/>.

5 O impacto das redes de mídias cívicas

É comum que a avaliação de impactos baseie-se em indicadores quantitativos. No entanto, durante a vigência do projeto, só existiu a possibilidade de mensurar os dados de visualização e engajamento gerados no Facebook, já que, para inferir Aumento da Renda e Construção de Capital Social, seria desejável dispor de dados censitários atualizados ou realizar levantamento de entidades associativistas no bairro. Como indicador do aumento de visibilidade durante a vigência do projeto, há o dado concreto de que, em 2019, a *fanpage* do Tela Firme possuía sete mil seguidores e nenhuma postagem de conteúdo havia tido um alcance maior que vinte e seis mil pessoas. Até maio de 2020, quando a página chegou a treze mil seguidores, e entre janeiro e maio daquele ano, contava com doze postagens com alcance de dezessete mil a seiscentas mil pessoas. A postagem com maior visibilidade foi justamente a que mostrou a festa de comemoração do ingresso da juventude do bairro na universidade pública no dia da publicização dos resultados dos processos seletivos destas instituições. Para efeitos de comparação, o programa de maior destaque entre os programas televisivos de jornalismo comunitário – os quais, até então, enquadravam a periferia apenas por seus aspectos precários – tem picos de quatorze pontos de audiência, o que, na Grande Belém, corresponde a uma audiência de vinte uma mil seiscentas e dezenove⁴ pessoas, segundo o Instituto Kantar Ibope (CAVALCANTE, 2020, p. 108).

Também é possível inferir outros impactos gerados pelo projeto a partir da observação empírica do crescimento da difusão de conteúdo produzido pelo bairro através das mídias sociais e da mudança efetiva nas práticas midiáticas. O primeiro sinal de mudança foi a cobertura jornalística das festas de acesso à universidade na periferia, até então de pouca visibilidade. O segundo, foi a inserção de membros das redes de mídias cívicas na construção de pautas jornalísticas para a periferia.

Três situações que tiveram participação direta do projeto Data Firme ilustram tais novas práticas. A primeira foi a produção de uma matéria sobre os assentamentos precários em Belém, para a qual o Tela Firme indicou professores da Universidade ligados ao projeto para falarem sobre o assunto no principal jornal televisivo local. A segunda foi uma ação da Ame o Tucunduba, que usou uma campanha em mídias digitais para requerer controle social sobre as obras de macrodrenagem da Bacia do Tucunduba, tornando-se pauta de jornais televisivos. O último exemplo foi o lançamento dos resultados da II Cartografia Social da Terra Firme, ocorrido no dia 16 de outubro de 2020, quando foram dadas entrevistas às rádios, aos programas de televisão e saíram matérias nos jornais impressos da cidade.

Outro indicativo dos impactos das Redes de Mídias Cívicas é a mudança do relacionamento da população com o governo, o que inaugurou práticas chamadas Inovações Sociais de Base (GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015). Tais tipos de inovação ocorrem quando iniciativas de coletivos de cidadãos resultam em novos acordos com o governo, desencadeando novas práticas de gestão urbana e social (GARCÍA; EIZAGUIRRE; PRADEL, 2015, p. 93). E para tanto, é possível destacar as novas práticas pensadas para o programa governamental Ter Paz (www.terpaz.pa.gov.br) que, até 2020, era colocado como o principal programa social do Governo do Estado do Pará para áreas periféricas da grande Belém. Ocorre que os organizadores do programa enfrentaram grande dificuldade para engajar a população dos bairros populares, pois se baseavam em estratégias *top down*, dependentes de replicadores selecionados nas comunidades para a difusão das ações e adesão dos moradores aos programas sociais. Em 2020, após dois anos de programa, os resultados mostraram a ineficácia da estratégia. Foi quando surgiu a ideia de promover uma inovação social na Secretaria de Cidadania, a partir da abordagem e acionamento de parcerias com os grupos de mídia cívica. O Tela Firme foi contratado para promover o Ter Paz dentro das comunidades, repetindo a Cartografia Social. Desde agosto de 2021, quando foi contratado, o projeto já operou em sete bairros com o uso das suas redes colaborativas e da parceria com outros grupos de mídias cívicas, contribuindo para a formação de mais de cinquenta jovens e para o mapeamento de ações em quatro eixos: Educação, Cultura, Associativismo, e Esporte e Lazer⁵. A expectativa é de que tais resultados auxiliem tanto no engajamento da população, quanto no desenvolvimento de políticas sociais mais adequadas para cada realidade.

Contudo, o mais importante de todos os impactos talvez seja a transformação das pessoas envolvidas no projeto. A parceria com a comunidade impôs muitos desafios à equipe acadêmica. Primeiramente, por existir um histórico elitista na universidade de tratamento do público externo, é notório que professores, muito embora bem-intencionados, acreditem ter

⁴ Referente a um ponto de audiência segundo o IBOPE Kantar.

⁵ Resultados deste projeto disponíveis em <https://terpaz.cartografiasocial.com.br/> em agosto de 2022.

respostas para os problemas sociais apenas por estarem na academia. Neste ponto, um dos principais méritos do projeto foi ter mantido o protagonismo dos grupos de mídias cívicas, garantindo equidade de vozes entre universitários e não-universitários e, assim, ter cooperado para que as ações evoluíssem conforme a necessidade. Outro desafio corresponde à própria precariedade da situação – os trabalhos foram realizados de forma profissional, mas com discentes que, em grande parte, nunca tiveram experiência com projetos multimídia no mercado de trabalho. Portanto, o papel dos profissionais e professores que estiveram envolvidos em quaisquer das fases do projeto era também o de orientar e esperar que os resultados alcançassem o melhor nível possível dentro das limitações técnicas e operacionais. Ainda assim, a qualidade das produções foi muito alta, mesmo sofrendo atrasos.

A elevada qualidade dos produtos deveu-se principalmente ao nível de engajamento, tanto dos estudantes quanto da comunidade da Terra Firme. O Data Firme contribuiu para a formação dos estudantes não só quanto ao uso dos recursos tecnológicos, mas também em relação ao entendimento que eles possuem sobre o papel deles no mundo. Isto levou às mudanças nas relações entre a comunidade e a mídia e, também, entre a comunidade e o governo. Além disso, dentre os graduandos que participaram do projeto, destaca-se o ingresso de dois deles na Universidade, inspirados pelas mídias cívicas: Izabela Chaves, em Cinema, e Walbster Martins, em Produção Multimídia. Estes discentes prosseguiram suas atividades acadêmicas, aproximando-se da área dos direitos humanos e assumiram uma perspectiva da realidade onde se veem como protagonistas das mudanças em curso. Outra aluna, Ingrid Louzeiro, uma das fundadoras do Tela Firme em 2014, chegou ao mestrado durante o Data Firme. Ela não só foi uma das estudantes mais engajadas com a comunidade e com o desenvolvimento dos trabalhos, como também levou o aprendizado para a prefeitura, onde trabalha atualmente desenvolvendo um programa de alfabetização de adultos. Estes três estudantes são uma mostra do perfil dos doze acolhidos no projeto e indicativos da ação da Universidade na vida dos jovens que entram pelo regime especial de acesso.

6 Conclusão

Muito se fala hoje dos impactos negativos que algoritmos de mídias sociais provocam na sociedade, como o agravamento de bolhas de filtro⁶ e seus consequentes efeitos na radicalização de grupos ideológicos e políticos. No entanto, é necessário ressaltar que toda tecnologia pode ter efeitos positivos ou negativos, a depender dos propósitos dos grupos que a empregam. No caso das mídias digitais, vale a premissa de que “é nos estágios iniciais de uma tecnologia que ela se revela confusa e incerta” (DUARTE; ALVAREZ, 2021, x) e isto permite que se possa experimentá-las e aproveitar a potência das chamadas *Big Techs*⁷, trazendo-as para a base, onde inovações emergem a partir de necessidades reais da sociedade. É com base nestas premissas que as atuações das Redes de Mídias Cívicas colocam-se como um caminho contra-hegemônico ao paradigma que se manteve por décadas e que gerou efeitos nocivos para comunidades marginalizadas. Como foi visto nos resultados do Data Firme, a quebra do monopólio da narrativa pode resultar em práticas de inovação social de base e fazer com que tanto produtos do mercado quanto políticas públicas passem a colocar os cidadãos, mesmo aqueles até então invisibilizados, no centro de suas ações.

Os resultados da pesquisa evidenciam a importância de políticas de inclusão educacional, tanto na construção de uma narrativa contra-hegemônica, quanto no fortalecimento das redes e no uso das mídias. Neste ponto, o Data Firme não conseguiria a aproximação desejada se os próprios estudantes da Universidade não fizessem parte de tais redes. Assim, é válido ressaltar que todos os participantes do projeto entraram pelo regime de cotas e, com isso, puderam contribuir para o conhecimento através de trocas entre o conhecimento técnico e acadêmico e de suas próprias experiências e práticas cotidianas. Por fim, as transformações percebidas nas relações entre comunidade, mídia e Estado também são resultados das ações da universidade pública, comprometida com a criação de uma Amazônia mais inclusiva e socialmente justa e com a ampliação das oportunidades oferecidas aos grupos que historicamente foram invisibilizados pela falta de políticas públicas e pelas práticas midiáticas excludentes.

⁶ Tradução literal dos autores a partir do termo *filter bubbles* encontrado em Pariser (2011), que indica quando um grupo on-line perde contato com pessoas de características diferentes das compartilhadas em seu meio.

⁷ *Big techs* é o nome dado às grandes empresas de tecnologia que concentram boa parte do mercado de tecnologia e serviços, onde a lógica é voltada para o consumo, em contraposição às *Civic Techs*, cuja lógica é voltada para a Cidadania (GRAEFF, 2018). Porém, existem trabalhos recentes que mostram que as *Big Techs* podem ser convertidas em *Civic Techs*, uma vez que passem a existir como um espaço público e aberto para discussões (GRAEFF, 2018).

Referências

- BROWN, T. **Change by Design**. New York, NY: Ed. Harper Business, 2009.
- CANCLINI, N. **Imaginários culturais da cidade**: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, T. (org). *A Cultura pela Cidade*. São Paulo: Ed. Iluminuras: Itaú Cultural. 2008.
- CANCLINI, N. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, p. 40-53.
- CARDOSO, A. **O espaço alternativo**: vida e forma urbana nas baixadas de Belém. Belém: Editora Universitária da UFPa. 2007.
- CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope**: Social movements in the internet age. Cambridge: Polity Press. 2017.
- CAVALCANTE, A. **Caracterização das Redes de Mídias Cívicas do Bairro da Terra Firme**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Belém. 2020.
- DARCHEN, S. **Regeneration and networks in the Arts District (Los Angeles)**: Rethinking governance models in the production of urbanity. *Urban Studies*. v. 54, n. 15., 2017, p. 3615-3635. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26428402>.
- DUARTE, F; ALVAREZ, R. **Urban Play**: Make believe, Technology, and Space. Cambridge: MIT Press, 2021.
- KAHNE, J. **Youth, New Media, and the Rise of Participatory Politics**. YPP Research Network Working Papers. n. 1, p. 3-25. Oakland, 2014.
- KITZINGER, J. **The Methodology of Focus Groups**: the importance of interaction between research and participants. *Sociology of Health & Illness*. v. 16, n. 1, p. 103–121, 1994.
- GARCÍA, M.; EIZAGUIRRE, S.; PRADEL, M. **Social innovation and creativity in cities**: A socially inclusive governance approach in two peripheral spaces of Barcelona. *City Culture and Society*. v. 6, n. 4, p. 93-100. Ed. Elsevier. 2015.
- GRAEFF, E. **Evaluating Civic Technology Design for Citizen Empowerment**. (Tese de Doutorado). MIT Media Lab. Cambridge, 2018.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Aglomerados Subnormais com informações de estimativa de domicílios e distâncias às unidades de saúde de assistência primária. IBGE, 2020. Disponível em: <https://dadosgeociencias.ibge.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=67c70e701c624c63a6f1754a8b8bce4a>. Acesso em: maio de 2022.
- LIMA, J.; SANTOS, R.; SENA, L; ARAÚJO, C. Estrutura Social e Organização Social da Região Metropolitana de Belém. In: Cardoso, A; LIMA, J. (ed.). **Belém**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Observatório das metrópoles: Letra capital, 2015, p. 145-172. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/372>. Acesso em: maio de 2022
- LÜNEMBOURG, M.; RAETZCH, C. From Public Sphere to Performative Publics Developing Media Practice as an Analytic Model. In: FOELLMER, S.; LÜNEMBOURG, M.; RAETZCH, C. (org). **Media Practices, Social Movements, and Performativity Transdisciplinary Approaches**. Ed. Routledge. 2018.
- MEIER P. **Digital Humanitarians**: How Big Data Is Changing the Face of Humanitarian Response (1st ed.). Routledge., 2015, <https://doi.org/10.1201/b18023>.
- PARISER, E. **The Filter Bubble**: What the Internet Is Hiding from You. New York: Penguin Press, 2011.
- PEGADO, R.; BLANCO, C. ROEHRIG, J.; CAROCA, C.; COSTA, F. Risco de Cheia e Vulnerabilidade: Uma abordagem às Inundações Urbanas de Belém/Pará/Brasil. **Revista Territorium**. v.21, p. 71-76, 2014.

PENTEADO, A. **Belém**: (estudo de geografia urbana). Belém: UFPA, 1968. 2 v. (Coleção amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/43>. Acesso em: abril 2020.

RODRIGUES, E. **Aventura Urbana**: Urbanização, Trabalho e Meio Ambiente em Belém. Belém: Editora.1996.

DOS SANTOS, D. CARTOGRAFIA SOCIAL: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 273-293, 2017. DOI: 10.18764/2446-6549/interespaco.v2n6p273-293. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6497>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SILVA, R.; GASPARINI; M. ALQUEZAR E.; GONGRA; P.; RIBEIRO, A. **Avaliação para Negócios de Impacto Social. Guia Prático (2017)**. Atermísia. São Paulo, 2017.

ZUCKERMAN, E. **New Media, New Civics?**. Policy & Internet 6(2), Páginas 151-168. 2014 DOI: <https://doi.org/10.1002/1944-2866.POI360>.

Entrevistados:

SILVA, Francisco Batista. **Depoimento** [Entrevista concedida a] Acilon Cavalcante. Março, 2019.

LOUZEIRO, Ingrid. **Depoimento** [Entrevista concedida a] Acilon Cavalcante. Fevereiro, 2021.